

**Claude Quéтел, *História da Loucura. Da Antiguidade à invenção da Psiquiatria. Do Alienismo aos nossos dias*. Lisboa: Texto & Grafia. 2 Vol. 2014. ISBN: 978-989-8285-98-0. (Vol. I: 270 pp.; Vol. II: 295 pp.; 39,80€)**

A obra em análise, publicada em 2009 em França, recebida como um grande acontecimento editorial, é composta por seis partes cronológicas de diferentes dimensões, com evidente destaque para o período contemporâneo, abarcando mais de dois mil anos de representações da loucura e suas respostas terapêuticas, políticas e sociais em várias etapas da civilização ocidental.

Na primeira parte (*A Antiguidade e os Fundamentos da Loucura*) o autor dá conta da presença de discursos sobre a loucura desde a mais alta Antiguidade. Esta, figura nas reflexões egípcias e babilónicas, na mitologia e nos poemas homéricos, na tradição judaico-cristã, na reflexão em torno da *doença da alma* (resumo das pesquisas de J. Pigeaud<sup>15</sup>) e no *corpus* hipocrático.

Na segunda parte (*A Prática da Loucura na Idade Média e no Renascimento*) Claude Quéтел começa por abordar a teologia de São Tomás de Aquino (1227-1274) e as importantes reflexões do teólogo acerca da loucura.

Em *O Lugar do Louco na Sociedade Medieval* (capítulo. II), o autor aborda o nível de tolerância para com os insanos na Idade Média, situado algures entre a caridade e a exclusão. Por fim, são abordadas as relações entre loucura e religião, notando que esta surge sempre ligada ao pecado, ao demoníaco e à feitiçaria.

Chegados à terceira parte da obra (*O Internamento dos Insanos*) torna-se inevitável não falarmos de uma outra *História da Loucura* (1961), a de Michel Foucault, e de como Claude Quéтел se inscreve numa perspetiva de oposição às suas teses sobre as representações e a apropriação da loucura no mundo ocidental. O autor consagra mesmo dois capítulos da sua obra a contestar as principais teses foucaultianas sobre esta matéria: *O Evangelho Segundo Foucault* (p. 85-92), e *Breve Regresso a Foucault* (p. 213-219). O autor lembra, entre outras coisas, que Michel Foucault se inscreve na vaga antipsiquiátrica dos anos 60, daí a visão particularmente negra de um século XIX em que o tratamento da loucura não era mais do que a punição e o “poder psiquiátrico”. Para Foucault a função dos psiquiatras seria apenas a de anular qualquer desvio à normalidade, já que uma das características essenciais da *sociedade disciplinar* que acolheu a Psiquiatria é a valorização da *Norma*.

Pelo contrário, ao longo de toda a obra de Claude Quéтел, o que fica patente é a inércia dos poderes políticos, a lentidão na organização de respostas médicas e sociais eficazes e a constante mudança no plano teórico e terapêutica. O autor afirma encontrar nesta longa história da loucura não qualquer política de poder ou repressão mas sim uma “ausência de política que impressiona.” Já que, “Empirismo, pragmatismo, falta de meios, indiferença, parecem ter sido sempre as palavras-chave” (p.15).

Na quarta parte da obra (*A Invenção da Psiquiatria*), retomando as teses de Paul Sérieux e Lucien Libert (*Les lettres de cachet. «Prisonniers de famille» et «Placements volontaires»*), Claude Quéтел dá conta do carácter mítico da libertação dos loucos pela Revolução Francesa. Não obstante a abolição das *lettres de cachet* e da criação da Comissão de Mendicidade (1790), com competência não apenas nesta questão mas também com o objetivo de “propor leis sobre a melhoria dos hospitais, das casas de força e das prisões”, nem a Revolução nem o Império conseguem colmatar o vazio jurídico que se instala.

Apesar da situação precária dos loucos internados tanto no Antigo Regime como depois da Revolução, e ao contrário do que muitas vezes se aponta, o nascimento da psiquiatria foi acompanhado de uma profunda reflexão em torno da loucura e da sua cura. O segundo capítulo, *Da Cura da Loucura*, trata precisamente das diversas abordagens teóricas e terapêuticas dirigidas à compreensão e resolução deste problema.

<sup>15</sup> Jackie Pigeaud, *La Maladie de l'âme Étude sur la relation de l'âme et du corps dans la tradition médico-philosophique antique* (LesBelles Lettres, 1981, reed. 2006)

Em *Pinel Epónimo* (quarto capítulo), o autor analisa a obra teórico-prática de Pinel. Médico-chefe na Salpêtrière, apontado como responsável pelo mítico acontecimento da “libertação dos loucos”, que Claude Quérel desconstrói nesta obra, é apontado sobretudo como “o homem de um livro”, *Traité-médico philosophique sur l’alienation mentale, ou la manie*. Seguindo trabalhos de autores como Gladys Swain<sup>16</sup> e Marcel Gauchet<sup>17</sup>, Claude Quérel dá conta de uma importante rutura teórica, responsável pela fundação da psiquiatria, quando Pinel “transpõe o limiar para lá do qual já não será filosoficamente e medicamente possível considerar o louco totalmente outro” (p.226).

Em *Esquirol e o Nascimento do Asilo* (quinto capítulo), Claude Quérel aborda a obra teórica e prática deste médico, a sua importante ação junto dos poderes políticos para a questão da assistência aos alienados (relatório de 1818, *Des établissements consacrés aux aliénés en France, et des moyens de les améliorer*), assim como o seu empenho na consolidação e institucionalização do asilo e da figura do alienista.

Em o *Século de Ouro do Alienismo* (quinta parte), o autor começa por analisar alguns momentos importantes que antecederam a discussão e votação final da importante lei de 1838 sobre os alienados. Mesmo com os pareceres médicos a reclamarem urgência na resposta assistencial aos insanos, Claude Quérel constata o “eterno problema”, que é o da questão financeira (p. 18-19). Não obstante a participação dos alienistas para a discussão e reflexão sobre o tema, o autor diz que não podemos falar da lei de 1838, como tantas vezes se tem dito, como uma lei ditada ou pelo menos controlada pelos alienistas. Claude Quérel sustenta que primeiramente se trata de uma lei de finanças. Como mostra o autor, a medicina e os médicos são relegados para segundo plano já que, nem sequer como afirmação de princípio, é mencionado qualquer tratamento moral ou o papel central do médico alienista em toda esta questão.

Em a *Explosão Asilar em França* (capítulo II), o autor fala essencialmente de toda a reflexão que surgiu em torno do que devia ser um hospital para loucos. Neste âmbito, “o tempo dos asilos foi indiscutivelmente o do encontro entre os alienistas e arquitetos numa verdadeira febre de conceção arquitetónica” (p.28), notando-se uma cada vez maior subordinação da arquitetura à terapêutica.

Em *Os Muros do Asilo* (capítulo III), Claude Quérel mostra-nos a realidade quotidiana dos asilos do século XIX. Explorando inúmeros relatórios oficiais, monografias locais e obras literárias, o autor dá conta da rigidez dos horários dentro do asilo, das inúmeras atividades realizadas pelos alienados (produção agrícola e têxtil), mas também do escape à rigidez da vida asilar (não sem críticas), como é o caso do “baile das loucas”.

Destaque ainda para o quarto capítulo em que Claude Quérel efetua uma *Ronda pelos Asilos do Ocidente*, dando conta que as respostas institucionais à questão dos alienados não foi a mesma nos diversos países apontados, não obstante o tronco teórico comum iniciado com Pinel, o que possibilita uma perspetiva simultaneamente de análise e de comparação entre as diversas realidades.

A sexta e última parte da obra é o *Tempo da Dúvida*. Mudanças decisivas vão votar não só o fim do alienismo e a consolidação da Psiquiatria a partir dos anos 20 como a própria conceção de doença mental vai ser alvo de fortes ataques. Nesta última parte destaque para o quarto capítulo que aborda as *Antipsiquiatrias* dos anos 60-70 do século XX, uma vaga de contestação com “consequências fatais para a psiquiatria tradicional”, e o último capítulo, que nota a *Psiquiatria por toda a parte*, dando conta de uma “cultura do mal íntimo”, e de uma crescente “medicalização do mau estar”

<sup>16</sup> SWAIN, Gladys, *Le Sujet de la Folie*. Privat (reed. Calmann-Lévy, 1997). Obra importante sobre o momento fundador da clínica psiquiátrica, que entra em rutura com o pensamento de Michel Foucault.

<sup>17</sup> GAUCHET, Marcel e Gladys Swain, *La Pratique de L’esprit Humain. L’institution asilaire et la révolution démocratique*. (Gallimard, 1980 reed. 2007). Obra que prolonga e alarga a reflexão iniciada por Gladys Swain e que também se distancia das teses de Michel Foucault.

nas sociedades ocidentais, isto num quadro em que OMS refere que em 2020 a depressão será a primeira causa de invalidez nos países desenvolvidos, à frente das doenças cardiovasculares, (p.258).

A *História da Loucura* de Claude Quérel constitui uma obra de leitura importante pelas perspetivas inovadoras que aponta na investigação da história da loucura e da psiquiatria, bastante diferentes das apresentadas no trabalho de Michel Foucault (1961), tido até aqui como a única referência nesta matéria, trazendo-nos uma leitura diferenciada sobre o trajeto da loucura no mundo ocidental. Nesta obra encontramos ainda uma síntese das abordagens que depois de Foucault, e em oposição a este, trataram deste tema, como é o caso dos trabalhos de Glays Swain (*Le Sujet de la Folie*), Marcel Gauchet (*La pratique de l'esprit humain*), ou ainda Jacques Postel (com Claude Quérel, *Nouvelle Histoire de la Psychiatrie*), que contribuíram para uma importante renovação historiográfica.

**Tânia Sofia Ferreira**

Mestranda em História Contemporânea  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto